

ISSN 0101 708X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

G BOLETIM
GOIANO *de*
Geografia

INSTITUTO DE ESTUDOS
SÓCIO-AMBIENTAIS/GEOGRAFIA

VOL. 22 - N.º 2 - JUL./ DEZ. 2002

RESENHA 2

AUTORA: Helaine Costa Braga²

LIVRO: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). *Ensino de Geografia – Práticas e Textualizações no Cotidiano* – Porto Alegre: Editora Mediação, 2000.

Ensino de Geografia – Práticas e Textualizações no Cotidiano é uma obra direcionada a professores de geografia, contendo propostas pedagógicas voltadas para esta área de ensino.

Seus autores, Antônio Carlos Castrogiovanni (Org.), Helena Copetti Callai e Nestor André Kaercher, professores de universidades do Rio Grande do Sul nas áreas de educação e prática de ensino em geografia, possuem várias obras publicadas na área de ensino, entre elas: *Geografia em Sala de Aula – práticas e reflexões* (CASTROGIOVANNI; CALLAI; SHAFFER; KAERCHER, 1998); *O estudo do município e o ensino de História e Geografia* (CALLAI; ZARTH, 1997); *Desafios e utopias no ensino de geografia* (KAERCHER, 1999).

Castrogiovanni, Callai e Kaercher priorizam em suas sugestões para a prática de ensino em Geografia as referências cotidianas dos alunos, visando a uma construção ativa e significativa dos conhecimentos geográficos.

Para estes autores, a geografia escolar deve “sobrepôr o conhecimento do cotidiano aos conteúdos escolares” para tornar-se mais interessante aos alunos. Alertam que, para isso, não se deve distanciar do rigor científico.

O primeiro capítulo, “Apreensão e Compreensão do espaço geográfico” por Castrogiovanni, trabalha com temas e atividades relacionadas ao processo de construção e representação espaciais.

O autor fala do desenvolvimento das noções espaciais recorrendo aos estudos de Piaget e Inhelder. Fundamentando-se nestes estudiosos, reforça que a construção das noções de espaço e sua representação pelas crianças dão-se de forma gradativa, e, para tanto, as atividades aplicadas em sala de aula devem atender ao desenvolvimento cognitivo de cada idade.

Castrogiovanni expõe a evolução da forma de apreensão do espaço

¹ Aluno do 4.º ano noturno do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais/IESA-UFG. E-mail: helainecosta@hotmail.com.

dividindo-a em três principais etapas: “espaço vivido”, “espaço percebido” e “espaço concebido”.

Nestas etapas distintas, a criança começa a identificar o espaço através do contato, da vivência; em um segundo momento passa a percebê-lo e a apreendê-lo em função do movimento e da observação e mais adiante (por volta dos 12 anos) já é capaz de concebê-lo de forma abstrata, construindo conhecimentos por meio da reflexão. Nesta perspectiva, as atividades escolares deveriam seguir a esta estruturação.

O desenvolvimento do saber geográfico inicia-se então a partir dos referenciais mais próximos dos alunos: a sala de aula, o pátio da escola, a escola, a casa, o bairro, a cidade, além do próprio aluno de forma a perceber em sua vida cotidiana as significações dos conhecimentos abstraídos da realidade.

Assim, é necessário criar condições para o desenvolvimento das noções de orientação, localização e organização espaciais, utilizando-se dos instrumentos adequados a cada situação.

São sugeridos pelo autor muitos trabalhos que estimulam a aprendizagem sobre o espaço. Estes trabalhos permitem a compreensão do espaço iniciando-se pelas primeiras noções de lateralidade (direita – esquerda) até a leitura de representações cartográficas – mapas, cartas e plantas e de seus elementos constitutivos: símbolos, escala, projeções, legendas – entendidos como “sínteses das relações espaciais e dos diferentes elementos que compõem o espaço”.

Para Callai, que defende a proposta de “Estudar o lugar para compreender o mundo” (segundo capítulo), tal necessidade advém do fato de o “lugar” reproduzir as relações mais diversas e longínquas do espaço global.

Conforme a autora, o “lugar” no contexto das relações espaciais globais assume um “significado que não decorre de suas características internas apenas, mas das relações que estabelecem com outros lugares”.

Assim sendo, tal como Castrogiovanni apóia a idéia de intercalar conhecimentos do cotidiano e conhecimentos científicos até que os primeiros possam ser reformulados e superados em sua compreensão originária do senso comum.

Para Callai, os professores devem inserir os alunos em atividades que despertem a princípio a capacidade de observação dos lugares, aqueles mais significativos e identitários. Adiante, encadeia outras habilidades

necessárias à análise espacial do lugar: descrição, comparação, relação, correlação, conclusão e, por fim, síntese.

Chama a atenção para o fato de que este processo, todas as atividades desenvolvidas devem ser planejadas e orientadas pelos professores para que sejam alcançados os resultados desejáveis.

A autora entende que, no processo de apreensão do lugar, deve-se considerar elementos que subsidiem sua compreensão, por exemplo, o estudo da cultura, e o trabalho com as representações cartográficas, já citadas.

É importante, salienta a autora, que os alunos “descubram” sua rua, o bairro, a cidade, para que através de sua realidade mais próxima possam compreender o global e as suas relações com o local. Para isso, alerta para a importância do desvelamento das paisagens.

Completando os raciocínios anteriores, Kaercher propõe no terceiro capítulo do livro uma “geografização do jornal”, assim como de outros cotidianos para que os conteúdos de Geografia sejam abordados sob enfoques diferentes daqueles tradicionais em livros didáticos. Todavia, enfatiza o autor, é preciso estabelecer sobretudo um diálogo com os alunos. É fundamental, observa Kaercher, saber ouvi-los, induzi-los à discussão e também polemizar e sistematizar seus comentários, suas percepções da realidade. A partir daí, o trabalho com noticiários de TVs e jornais impressos que abordam temas geográficos podem ser muito eficazes às aulas, se bem utilizados.

Trata-se de mostrar aos alunos que a Geografia de que os livros falam é a mesma Geografia vivida no dia-a-dia enfocada pela objetividade científica.

O compromisso docente, afirma o autor, é o de ressignificar os conteúdos com os alunos através de suas representações cotidianas, mantendo os pressupostos teórico-metodológicos da Ciência e criando condições para uma percepção crítica das organizações espaciais.

O intuito do livro, dizem os autores, é apresentar sugestões para uma prática de ensino em Geografia mais criativa e significativa que conduza à construção de conhecimentos geográficos e ao reconhecimento da importância desse campo do saber para a compreensão do espaço vivido cotidianamente.

A obra traz uma contribuição importante à renovação da prática educativa. O incentivo à criatividade, a valorização dos referenciais cotidianos e dos conhecimentos prévios dos alunos em suas propostas metodológicas, assim como o destaque às representações cartográficas

enquanto instrumento para a análise espacial, conferem à Geografia a possibilidade de tornar-se mais interessante e eficaz no processo ensino-aprendizagem.

Ao mesmo tempo, observa-se por parte dos autores em suas sugestões a preocupação em manter a linguagem própria da ciência geográfica de forma a propiciar aos alunos o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias à apreensão da realidade sob o ponto de vista de suas espacialidades.